

A exposição agrícola de Braga de 1863

Fotografias inéditas de Antero F. Seabra

Henrique Barreto Nunes*

*Honra ao Genio, que as portas franquea
Do progresso à cidade primaz;
Honra ao Genio que d'este Districto
Quer a gloria, e a dita hoje faz¹*

Em 25 de Outubro de 1863 inaugurou-se em Braga uma Exposição Agrícola promovida por uma comissão constituída para o efeito, a que presidia o Conde de Januário Correia de Almeida, governador civil do distrito de 1862 a 1864, que foi figura de grande prestígio mesmo a nível nacional.

Não era a primeira vez que, em Braga, se promovia a realização de um certame com tais características. Já em 1792, o arcebispo Dom Frei Caetano Brandão, preocupado com a crise em que, então, vivia a agricultura portuguesa e com a pobreza do reino, tinha lançado uma iniciativa inovadora para a época (talvez inspirado por uma tentativa semelhante com que o Marquês de Pombal, em

* Vice-presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho. Antigo director da Biblioteca Pública de Braga.

1775, procurara amenizar os últimos dias do rei D. José), através da qual pretendia *fomentar a indústria popular, tanto pelo que respeita à agricultura, ... como pelo que respeita ao comércio e ao adiantamento das artes mecânicas...*, premiando os lavradores que se distinguissem na cultura da oliveira e do linho, bem como os aprendizes dessas mesmas artes que expusessem os melhores trabalhos (ABREU, 1997; OLIVEIRA, A., 1992).

Este primeiro concurso não terá tido grande êxito, embora certamente tenha perdurado na memória dos bracarenses, o que foi reforçado com a notícia de certames com características similares (industriais, agrícolas e agro-pecuárias), que se começaram a realizar em Lisboa, em 1840 e 1849, e no Porto (exposições industriais em 1855, 1857 e 1861), bem como com o início das exposições universais em Paris (1855) ou em Londres (1862), tendo esta última contado já, aliás, com uma representação portuguesa.

As referidas exposições eram, por vezes, encaradas como autênticas festas nacionais, tendo sido extremamente proveitosas porque mostravam o grau de desenvolvimento técnico-económico nacional e as riquezas e potencialidades agrícolas do país, revelando ao mesmo tempo aspectos da mentalidade da época em que se realizaram (CASTRO, 1971).

Como atrás se disse, a Exposição Agrícola de Braga de 1863 foi organizada por uma comissão central, presidida pelo Governador Civil, Conselheiro Januário Correia de Almeida, considerado o grande mentor da iniciativa, dela fazendo parte o Secretário-geral do Governo Civil, Comendador José Joaquim Vieira, o Director das Obras Públicas, o Oficial das Obras Públicas, o Oficial do Estado-Maior e, ainda, o professor do Liceu Nacional de Braga, J.J. S. Pereira Caldas, que a secretariou.

Foram, ainda, criadas comissões de trabalho destinadas a coordenar as doze secções que constituiriam a exposição, bem como comissões filiais dos concelhos do distrito de Braga que participaram no certame e, também, delegações de diversos distritos (Lisboa, Porto, Viana do Castelo, Vila Real e Bragança), que deram uma dimensão nacional ao evento.

Num opúsculo então editado para o efeito, intitulado *Instruções para os concorrentes à Exposição Agrícola de Braga*, de que saíram duas edições, faz-se

um breve historial deste tipo de concursos, traçam-se os grandes objectivos da exposição, fornecem-se indicações aos expositores e descrevem-se os conteúdos de cada uma das suas doze secções, apresentando-se ainda a constituição das comissões atrás referidas.

Logo no primeiro parágrafo da publicação os “ilustres expositores agrícolas” são informados acerca do que se pretendia fazer em Braga:

Vai abrir-se na capital do Minho, no próximo Outubro futuro, uma exposição agrícola da maior amplitude de produtos.

Terão cabimento, nesta grande festa bracarense, quaisquer dos multiplicados produtos da terra; seja no estado em que a natureza os ministra, seja no estado em que a indústria os modifica. Não serão excluídos produtos alguns, de correlação próxima ou remota com os produtos agrícolas.

Solos e estrumes: produtos arvenses e hortenses; plantas industriais e medicinais; arboricultura e floricultura; madeiras e gomas e resinas; produtos vegetais modificados; animais; produtos animais; líquidos fermentados e óleos; material agrícola; instrumentos de domagem animal; trabalhos gráficos e literários; tudo, tudo será acolhido na exposição agrícola da capital do Minho.

Nesta grande festa bracarense, nada deixará de receber-se das imensas riquezas do solo do distrito de Braga. Nada o deixará. Não será, porém, só limitada a isso a recepção dos produtos da exposição. Irá mais longe. Não deixarão de ser ainda recebidos quaisquer produtos de procedência estranha. E acolher-se-ão, com singular especialidade, os animais, os frutos, as sementes, as máquinas e os instrumentos, ainda ao presente sem ensaio no cultivo do distrito (INSTRUÇÕES, 1863).

A exposição agrícola realizou-se no Campo de Santana (actual Avenida Central), entre 25 de Outubro e 8 de Novembro de 1863, numa cidade que a acolheu festivamente e com grande aparato, conforme se pode constatar através dos relatos que a imprensa da época, local e nacional, prodigamente lhe dedicou, com destaque para o *Archivo Pittoresco* (BARBOSA, 1863) e para o jornal *O Districto de Braga* (em especial nas edições de 1 Dez. e 3 Dez. 1863), cujas reportagens transcrevemos em anexo.

Para o certame foi elaborado um catálogo impresso, organizado pelo professor Pereira Caldas (BRAGA,1953:345), que dava conta de todos os artigos expostos (CATÁLOGO,1863), ao qual foi igualmente dedicado um hino (PAIVA, 1863), tendo ainda sido cunhada uma medalha comemorativa da autoria do gravador vimaranense José Molarinho (COSTA,1978).

A exposição encerrou solenemente em 27 de Novembro, dia em que se deslocaram a Braga o rei D. Luís I e a rainha D.^a Maria Pia de Saboia, a fim de presidirem à sessão de entrega de prémios em aparatosa cerimónia, realizada numa cidade ricamente engalanada para receber a família real, que assim sublinhou o grande interesse de que aquela manifestação se revestiu, ao qual a imprensa deu merecido eco (BARBOSA,1863; FESTEJOS, 1863).

Não é objectivo deste artigo estudar a importância e o significado da exposição agrícola de Braga, mas essencialmente dar a conhecer uma pequena colecção de fotografias pertencente à Biblioteca Pública de Braga, julgo que até hoje inéditas, que perpetuaram a festa bracarense².

O álbum que as inclui apresenta uma encadernação cansada, com lombada de couro com marcas de ferros a ouro e dimensões de 32x23 cm. O livro não apresenta qualquer elemento de identificação, ostentando apenas na 1.^a folha um carimbo a seco de "PEREIRA CALDAS professor bracarense". É composto de 6 folhas em cartolina nas quais se encontram coladas as fotografias impressas a sépia, quatro de formato rectangular com os cantos arredondados e as dimensões de 24,5x19 cm e duas em formato oval com as dimensões máximas de 22,5x17 cm. Todas as fotografias apresentam uma legenda manuscrita cuja autoria não hesitamos em atribuir, pelo conhecimento que temos da sua letra noutros documentos e livros, a Pereira Caldas.

Desnecessário se torna encarecer o relevante papel que a fotografia hoje assume, como suporte documental e informativo, essencial para a investigação histórica, e o recurso que dela se faz para melhor se conhecer e estudar a memória da vida local, a evolução dos espaços urbanos, as transformações paisagísticas ou ainda diversos pormenores do quotidiano das vilas e cidades (mobiliário urbano, trajes, comportamentos sociais, meios de transporte, etc.).

Por todo o país, hoje em dia, multiplicam-se os arquivos e centros de documentação fotográfica, os museus da imagem, as fototecas, enfim, todo o tipo de instituições que recolhem, tratam, estudam, divulgam e disponibilizam as imagens fotográficas de que dispõem, sendo o Centro Português de Fotografia, sediado no Porto, o exemplo mais paradigmático.

Em Braga, foi pioneiro o Museu Nogueira da Silva, contando com o imprescindível apoio da ASPA (Associação de Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural, que tinha recebido a doação dos espólios dos fotógrafos Manuel e Bernardo Carneiro e Arcelino), o qual, então sob a designação de Unidade de Museologia da Universidade do Minho, criou o seu Centro de Documentação Fotográfica em 1980 (MATEUS,1980). Posteriormente surgiu o Museu da Imagem, por iniciativa da Câmara Municipal, constituído inicialmente a partir do arquivo da Foto Aliança.

Eduardo Pires de Oliveira foi o primeiro e continua a ser a principal referência relativamente ao estudo das fontes da história da fotografia em Braga (OLIVEIRA,E.,1988), trabalho a que os diversos catálogos das exposições do Museu da Imagem têm dado excelente continuidade, devendo, igualmente, destacar-se a investigação que há anos vem sendo realizada por Nuno Borges de Araújo, de que o catálogo “Uma colecção privada” é uma primeira e interessante amostra (ARAÚJO,2009). Pela negativa deve referir-se que o ambicioso estudo de António Sena ignora o papel de Braga na história da fotografia portuguesa (SENA,1998), igualmente esquecida por outros investigadores da imagem fotográfica em Portugal, apesar da já apreciável bibliografia existente sobre o tema.

A actividade do Museu da Imagem, com diversas exposições e os respectivos catálogos, o trabalho de Catarina Miranda Basso e, recentemente, o lançamento das “Conversas sobre imagens de Braga”, por iniciativa do Museu Nogueira da Silva e da ASPA, dinamizadas por António José Mendes e E. P. Oliveira, mostram que em Braga existe um elevado interesse pelo conhecimento e estudo da fotografia do concelho, acentuado pela participação empenhada de muitos cidadãos envolvidos nestas realizações, que têm encontrado um eco positivo nas redes sociais.

Voltando à Exposição Agrícola de 1863 sabemos, através do jornal bracarense *O Clamor do Norte*, de 11 de Novembro de 1863, que Antero Seabra ofereceu ao rei D. Luís, por ocasião da visita que realizou ao certame, um álbum com fotografias suas, certamente de monumentos, ruínas históricas e paisagens do norte do país.

Já antes, o *Jornal do Porto*, de 26 de Outubro de 1863, referindo-se à exposição agrícola, nos informara que *o sr. Seabra, que tem tirado magníficas fotografias dos melhores edifícios desta cidade (refere-se a Braga), as quais com outras do mesmo autor estão expostas na respectiva secção, foi encarregado pelo governo de tirar a vista da exposição, que efectivamente tirou.*

Sabemos que s. ex.^a tem determinado tirar em separado as fotografias de algumas máquinas e instrumentos expostos, e de vários grupos de diferentes objectos. Deve ser um interessante trabalho.

O referido *Jornal do Porto*, na sua edição de 5 de Dezembro de 1863, enriquece esta informação com a notícia de que *o sr. Tenente Seabra, que já tirou as fotografias da perspectiva do campo da exposição no acto da abertura, e de alguns animais e produtos expostos, as quais S. M. El-Rei viu e louvou, acaba de fotografar com grande facilidade os principais arcos que figuraram na visita de SS. MM.*

Antero Frederico de Seabra da Mota e Silva (1821/1883) era filho do Visconde de Mogofores e sobrinho do célebre Visconde de Seabra, autor do primeiro Código Civil Português (1867).

Vivendo no tempo das lutas liberais, foi militar, alcançando a patente de tenente.

Frequentou a Academia de Belas Artes do Porto, em 1844 e entre 1847 e 1851, tendo estado matriculado nas disciplinas de Anatomia, Desenho e Perspectiva, aí tendo começado a dedicar-se à fotografia por volta dos finais dos anos 50, vindo a adquirir posteriormente o equipamento adequado ao trabalho que pretendia desenvolver.

Segundo Nuno Borges de Araújo, trabalhou para o Ministério das Obras Públicas, para o qual efectuou levantamentos fotográficos e desenhos de obras públicas em curso.

Em 1858 apresentou um projecto ao rei D. Pedro V para fazer a cobertura fotográfica de monumentos, ruínas históricas e paisagens do país, o que aparentemente não conseguiu concretizar, não deixando, no entanto, de fotografar, por iniciativa própria, muitas vistas e exemplares do património monumental do norte de Portugal, que certamente estiveram na origem do referido álbum oferecido ao rei D. Luís na feira bracarense.

Por sugestão do Governador Civil de Braga foi incumbido pelo Ministério das Obras Públicas de realizar o levantamento fotográfico da Exposição Agrícola de Braga, de 1863, na qual também participou como concorrente, com um “Panorama fotográfico do Porto” e “Vistas fotográficas do Minho” (CATÁLOGO, 1863), tendo sido premiado com uma medalha de prata (ARAÚJO, 2009).

Um dos exemplares do álbum – ou grande parte dele –, entregue aos visitantes reais, foi identificado por Eduardo Pires de Oliveira na posse de um colecionador bracarense, que dele publicou as vinte e uma imagens referentes a Braga, no único estudo até agora conhecido dedicado à história da fotografia nesta cidade. Através desse trabalho, ficámos a saber, p. ex., que o primeiro fotógrafo de que temos referência como tendo trabalhado em Braga foi um francês, Julien Belliard, em 1858, embora tal não signifique que não houvesse imagens locais em data anterior (OLIVEIRA, 1988:8).

Voltando à exposição devemos referir que a imprensa periódica da época (a local, a do Porto e de Lisboa) destaca, em especial, para além do recinto da exposição, no Campo de Santana, os cinco arcos erguidos pelos representantes de diversas instituições e corporações bracarenses, bem como o pavilhão que os “brasileiros” dedicaram a Suas Majestades.

Esses arcos e pavilhões representam aquilo a que hoje em dia os especialistas chamam de “arte efémera”, à qual a Fundação Calouste Gulbenkian dedicou uma grande exposição em 2001, tendo dela ficado memória, através de um magnífico catálogo em cuja introdução é explicada a importância e o significado destas manifestações artísticas: *grandes momentos das histórias dos países... foram assinalados no seu exacto acontecer com construções, cortejos e fogos-de-artifício que duravam só o seu preciso tempo. [...] Tais momentos eram materializados publicamente na forma de arcos do triunfo marcando os percursos dos cortejos das entradas régias...* (MUSEU, 2001).

Gravuras de três dos arcos e do pavilhão foram publicadas na edição do *Archivo Pittoresco* que venho referindo, certamente abertas a partir das fotografias tiradas por Antero Seabra a quem não hesitamos em atribuir a sua autoria e que, agora, pela primeira vez se revelam, enriquecendo o número das imagens fotográficas mais antigas relativas a Braga, pois julgamos que são inéditas.

Será interessante comparar as fotografias com as gravuras adiante reproduzidas, sendo de assinalar que nestas foram sempre inseridas figurações humanas, possivelmente para lhes dar mais vida e mostrar a sua inserção no quotidiano da cidade.

Deve, igualmente, salientar-se que as fotografias de Seabra nos retratam aspectos singulares de espaços urbanos e da arquitectura bracarense da época onde, para além de edifícios desaparecidos, podemos observar gelosias e varandas de madeira que então caracterizavam e singularizavam as casas da cidade.

Passados que são 150 anos sobre a realização da Feira Agrícola de Braga, a divulgação destas imagens pode servir de pretexto para um estudo mais aprofundado desta manifestação de grande interesse económico e de promoção de Braga e do Minho, à qual muitas se seguiram até à actualidade.

A bibliografia referida, sem nunca esquecer a imprensa da época, e outra que se poderá ainda encontrar, a documentação existente (convém não esquecer os livros de actas das vereações da Câmara Municipal de Braga e possivelmente o arquivo do Governo Civil) e a iconografia conhecida constituem fontes que poderão dar um importante contributo para um trabalho de investigação para o qual desafiamos os estudiosos da história local ou os especialistas da época em apreço.

Notas

¹ CORREIA JUNIOR, João Luís – *Hymno da Exposição Agrícola de Braga*. Porto: Villa Nova Editor, 1863.

² A Biblioteca Pública de Braga, como acontece com inúmeras grandes bibliotecas centenárias, possui diversas colecções, espólios, fundos doados há muitos anos que ainda não tiveram tratamento condigno por razões que só a essas bibliotecas dizem respeito, mas que se prendem, normalmente, com a escassez de pessoal e à falta de tempo ou mesmo de especialistas sobre os temas que esses espólios englobam.

É o caso do espólio de Pereira Caldas, que deve ter dado entrada na Biblioteca Pública de Braga após a sua morte em 1903.

José Joaquim da Silva Pereira Caldas (S. Miguel de Vizela, 1818/Braga, 1903) era bacharel em Matemática, pela Universidade de Coimbra, na qual frequentou, também, a Faculdade de Medicina.

Sendo professor de Matemática do Liceu Nacional de Braga desde 1846, levado pelo seu ideário liberal e sentimentos progressistas, no momento revolucionário que então se viveu, integrou o Batalhão Académico de Coimbra e alistou-se no exército da Junta do Porto.

Em Braga era um professor considerado e, mercê da sua sólida formação humanística, integrou muitos movimentos culturais da cidade e região, dedicando-se à defesa do seu património cultural, convivendo com figuras ilustres como Camilo Castelo Branco, Francisco Martins Sarmiento ou Emil Hubner, entre muitos outros e colaborando assiduamente na imprensa periódica local ou mesmo em revistas de dimensão nacional.

Foi um autor prolixo, um autêntico polígrafo, escrevendo sobre os mais variados temas, pelo que nos deixou centenas de opúsculos, embora não uma grande obra de fundo.

Bibliógrafo apaixonado, reuniu uma “opulenta livraria” com milhares de espécies que, após a sua morte, se dispersou de um modo ainda hoje inexplicável.

Uma parte substancial encontra-se na biblioteca do Liceu de Sá de Miranda (Braga), à qual teria sido doada, mas muitos dos livros, revistas, jornais, etc., que possui foram localizados na Biblioteca Pública de Braga e na Sociedade Martins Sarmiento ou, ainda, na Biblioteca Pública Municipal do Porto e na Biblioteca Nacional de Portugal (MARTINS, 2004).

Na Biblioteca Pública de Braga guardam-se, talvez desde o início do séc. XX, centenas, senão milhares de livros e opúsculos que teriam pertencido a Pereira Caldas, muitos deles com o seu carimbo a seco ou anotados com a sua letra facilmente identificável, por vezes escrita com tinta vermelha.

Centenas de opúsculos resultam do facto de Pereira Caldas desmembrar, frequentemente, revistas ou mesmo livros, encapando depois, cuidadosamente, cada capítulo ou artigo com papel castanho grosseiro.

Em períodos de menor intensidade de trabalho ou mesmo para espairar de obrigações burocráticas, no tempo em que fui director da Biblioteca Pública de Braga, por vezes entreteinha-me a percorrer esse espólio, conservado em armários metálicos, dele separando números de revistas e de jornais ou, mesmo, de opúsculos que tinham interesse para as colecções da biblioteca.

Numa dessas ocasiões, julgo que em Julho de 1997 – e, mais uma vez, recordo que essa miscelânea de publicações não tem qualquer ordem ou critério de arrumação – deparei-me com o álbum de fotografias que é objecto do presente trabalho.

Intrigado com a descoberta e parecendo-me que as fotografias não eram conhecidas, através das suas legendas consegui identificar o acontecimento retratado e, a partir daí, surgiu-me a ideia de o investigar, o que está na origem deste pequeno estudo.

Bibliografia

ABREU, José Paulo Leite de

1997 – *D. Frei Caetano Brandão: o reformador contestado*. Braga: Faculdade de Teologia, p. 184-189.

ARAÚJO, Nuno Borges de

2009 – *Uma coleção privada: contributos para uma imagem visual de Braga*. Braga: Museu da Imagem.

BARBOSA, I. de Vilhena

1863 – “Exposição Agrícola de Braga: distribuição dos prémios por El-rei, e festas pela visita de suas majestades”. *Archivo Pittoresco*. Lisboa, 6, 1863, p. 393-396, il.

BRAGA, Alberto Vieira

1953 – “Curiosidades de Guimarães: XV-Guimarães nas exposições nacionais e internacionais”. *Revista de Guimarães*. 58, 1953, p. 307-460.

CATÁLOGO

1963 – *Catálogo provisório dos produtos exibidos na Exposição Agrícola em Braga (1863)*. Braga: Typ. de D.G. de Gouveia.

CASTRO, Armando de

1971 – “Exposições agrícolas e industriais” in SERRÃO, Joel (dir). *Dicionário de história de Portugal*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, vol. 2, p. 185-167.

COSTA, Luís

1978 – “Coisas de antanho: a Exposição Agrícola de Braga em 1863”. *Correio do Minho*. Braga, 15 Abr. 1978, p. 1.

FERREIRA, Emanuel

2013 – “Conversas sobre imagens de Braga: Antero Seabra”. *Diário do Minho*, Braga, 3 Jun. 2013, p. 9 (Entre Aspas).

FESTEJOS

1863 – “Festejos”. *O Districto de Braga*. 1 Dez. 1863; 3 Dez. 1863.

INSTRUÇÕES

1863 – *Instruções para os concorrentes à Exposição Agrícola de Braga...* Braga: Typ. de Domingos G. Gouvea.

MARTINS, Luís Carlos Coelho

2004 – “No 1.º centenário da morte do Dr. Pereira Caldas”. *Bracara Augusta*. Braga, 52, 2004, p. 223-232.

MATEUS, Luís Manuel

1980 – “Centro de documentação fotográfica constituído em Braga”. *História*. Lisboa, 26-27, Dez. 1980-Jan. 1981, p. 82-86, il.

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

2001 – *Arte efémera em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

OLIVEIRA, Aurélio de

1992 – “D. Frei Caetano e o I certame Agro Industrial”. *Itinerarium*. Braga, 133-134, 1992, p. 256-294.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de

1985 – *Imagens do Minho oitocentista*. Braga: Centro de Cultura e Desporto dos Trabalhadores da Segurança Social e Saúde, p. 133-163.

1988 – *Fontes da imagem de Braga: vinte e uma fotografias de 1862-1863*. Braga: Barbosa & Xavier.

PAIVA, Manuel João de; CORREIA JUNIOR, João Luís

1863 – *Hymno da Exposição Agrícola de Braga....* Porto: Villa Nova Editor.

PIPA, Álvaro

1924 – “Exposição Agrícola em 1863”. *Diário do Minho*. Braga, 29 Jul. 1924, p. 3.

SENA, António

1998 – *História da imagem fotográfica em Portugal*. Porto: Porto Editora.



1 – “Arco da Câmara Municipal de Braga, por ocasião da vinda d’el rei D. Luís e da rainha D. Maria Pia à capital do Minho em 1863, para a distribuição dos prémios da exposição agrícola. À entrada do Campo das Hortas, vendo-se a torre da igreja do Pópulo”.



2 – “Arco dos Artistas, no meio da rua nova do Sousa, vendo-se um lanço do Paço arquiepiscopal; e ao fundo, ao longo, o arco do Comércio”.

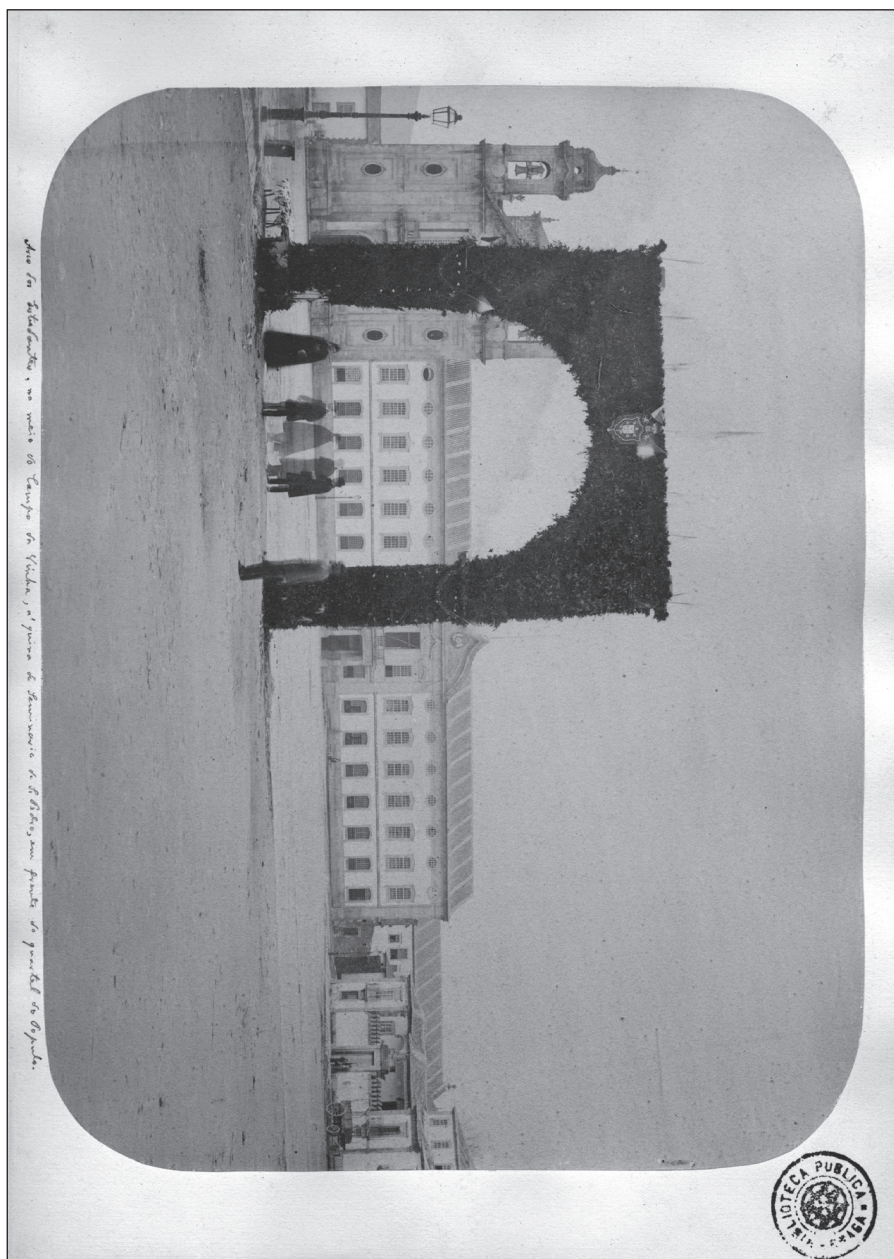


Arco do Comercio, no
Largo do Castello, vendo-se o Campo de Sant'Ana, onde estava a
exposiçao agricola; e no fundo,
ao longe, a serra do Carvalho d'Este, onde houve uma
renhida aççao na occasiã da invasão franceza.

3 – “Arco do Comércio, no Largo do Castelo, vendo-se o Campo de Sant’Ana, onde estava a exposição agrícola; e no fundo, ao longe a serra do Carvalho d’Este, onde houve uma renhida acção na ocasião da invasão francesa”.



4 – “Arco dos Bacharéis, encostado igreja dos Terceiros de S. Francisco, no princípio da rua da Fonte da Cárcova”.



5 – “Arco dos Estudantes, no meio do Campo da Vinha, à quina do Seminário de S. Pedro, em frente do quartel do Pópulo”.



6 – “Arco dos Brasileiros, no largo da Porta de Francisco, vendo-se ao fundo a casa dos Biscainhos, aposento de SS. MM”.

Legendas para o álbum de fotografias de Antero F. Seabra sobre os arcos festivos erguidos em honra de D. Luís I extraídas do jornal "O Districto de Braga"

1 – Campo das Hortas

Este arco é de madeira pintado de branco, e os relevos vestidos de mirto.

Sobre a cornija pousam dois obeliscos, e no centro uma pequena empena, com um quadro onde estava escrito o seguinte dístico: - «Nihil agricultura melius, nihil oberine, nihil dulcino, nihil homine libero diguino».

Traduz-se - «Nada melhor para a agricultura, nada mais fértil, nada mais doce, nada mais digno para o homem livre».

No centro da cornija estão os escudos de Portugal e Itália.

A pouca distância dos pedestais do arco levantavam-se dois obeliscos cobertos de murta.

"O Districto de Braga", 1 Dez. 1863

2 – Rua Nova

No extremo desta rua, como remate dos brilhantes festejos, levantava-se um majestoso arco com belas formas de arquitectura jónica.

Sobre este arco estava colocada uma figura colossal, que representava a deusa Minerva.

Do centro da cornija estacavam as armas de Portugal e Itália.

A rua em quase toda a sua grande extensão era guarnecida aos dois lados por uma espécie de pirâmides, sobre capitéis de quatro faces.

"O Districto de Braga", 1 Dez. 1863

3 – Rua do Souto

Ao fundo da rua erguia-se à altura de vinte e tantos metros o majestoso arco comercial de rigorosa arquitectura, e formas as mais belas, suspenso sobre quatro elegantes colunas.

Sobre a cornija, assentava um grande quadro com a figura de uma mulher que representava o comércio, com a mão direita sobre um escudo, no qual se lia – Commercio, iluminado e transparente.

Aos lados deste quadro viam-se quatro pirâmides vestidas de branco com adornos verdes.

No cimo do quadro pousava sobre um plinto, a estátua de Mercúrio.

No verso deste magnífico arco lia-se a seguinte quadra:

*Premiar os que trabalham,
Vem o Rei por sua mão,
Feito assim – exemplo novo!
Honra a pátria, honra a nação.*

Todo este arco era coberto de branco, e florido com recortes verdes em delicado gosto.

“O Districto de Braga”, 3 Dez. 1863

4 – Fonte de Carcova

Do lado oriental desta rua, e junto da igreja dos Terceiros, via-se o lindíssimo arco dos bacharéis, coberto de fazenda branca, e de arquitectura gótica com recortados e lavores vazados, e bordado a fita cor de rosa, que era admirado por oferecer novidade. Tinha no centro as armas reais portuguesas e italianas com todos os emblemas da ciência.

Em dois nichos que estavam ao lado, viam-se duas figuras vestidas de branco, representando uma a Glória e outra a deusa Minerva.

5 – Campo da Vinha

No meio deste campo para o lado do seminário de S. Pedro elevava-se o modesto arco escolástico todo coberto de murta e louros.

No centro viam-se as armas de Portugal e Saboia; e sobre a cornija tremulavam alguns galhardetes entremetidos em camélias de cores.

6 – Largo dos Biscainhos

Estava neste largo o sumptuoso baldaquino dos brasileiros. Era formado de oito grossas colunas, que sustentavam uma cúpula rematada por uma coroa real de grandes dimensões, iluminada por luzes de gás.

Nos intercolúnios viam-se estampados em grandes transparentes as armas de Portugal, Itália, Brasil e Braga.

As colunas eram embelezadas por festões de flores artificiais, e iluminadas por copos de variadas cores subindo em espiral.

Por debaixo da cornija em volta da cúpula lia-se a seguinte inscrição. Os brasileiros bracarenses tributam sempre a El-Rei D. Luís I e a S. M. D. Maria Pia amor e respeito.

Era deslumbrante a iluminação deste baldaquino.

“O Districto de Braga”, 3 Dez. 1863



Exposiçào agricola de Braga, no campo de Sant'Anna

Gravura publicada em *Archivo Pitoresco*, Lisboa, 6, 1863, p. 393.

Anexo 1

Exposição agrícola de Braga

Distribuição dos prémios por El-Rei,
e festas pela visita de Suas Magestades

Honra-se a cidade de Braga com muitos títulos honoríficos, que tem vindo, uns após outros, ilustrar os seus anais, desde o domínio dos romanos até aos nossos dias. Porém, entre os seus melhores brasões, avultam dois que lhe dão um lugar distinto a par das cidades mais civilizadas, porque significam duas vitórias do trabalho alcançadas no campo do progresso humanitário.

Proporcionou-lhe a primeira dessas vitórias o sábio e virtuoso arcebispo primaz, D. Fr. Caetano Brandão, ordenando e fazendo realizar uma exposição dos produtos da indústria do seu arcebispado dentro dos muros de Braga. E foi esta a segunda exposição industrial que houve no reino, e cremos que na Europa, pois que, como dissemos noutra lugar, coube ao marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, a gloriosa iniciativa neste passo verdadeiramente civilizador.

A outra vitória deve a cidade de Braga ao zelo e actCapo de Santa Annaividade do seu actual governador civil, o Sr. Januário Correia de Almeida, que, superando não poucas dificuldades à força de perseverança, promoveu e levou a efeito a *exposição agrícola de Braga no ano de 1863*.

Esta grande festa nacional não teve por teatro um edifício esplêndido, como esses que a Grã-Bretanha e a França têm erigido em honra das lides da inteligência e dos esforços do trabalho universais, e para comemorar a reunião dos seus produtos em glorioso certame. A exposição bracarense celebrou-se no Campo de Santana, parte ao ar livre, parte em modestas barracas. Mas ainda assim não era o lugar menos digno desta solenidade, porque muito bem quadrava ver dispostas entre as árvores e mais plantas de um jardim, e sob a majestosa abóbada do céu, obras que representavam ao mesmo tempo as forças da natureza e do homem, combinando-se para o aperfeiçoamento dos seres criados, e para o aumento ou melhoramento dos gozos e comodidades da sociedade.

Abriu-se a exposição a 25 de Outubro, ao meio-dia, do ano de 1863. A cerimónia da inauguração foi feita com esplendor e aparato num esbelto pavilhão para esse fim levantado. Aí se reuniram, sob a presidência do Exmo. Sr. D. José Joaquim de Azevedo e Moura, arcebispo primaz, os governadores civis dos distritos de Braga, do Porto, de Viana e de Beja; o general comandante da 4.^a divisão militar, (estado maior da divisão e oficialidade do regimento de infantaria n.º 8; a câmara municipal de Braga; o deão e cabido da sé primacial; o secretário

e mais empregados do governo civil; o delegado do tesouro e mais indivíduos da repartição de fazenda; o juiz de direito e mais empregados de justiça; o administrador do concelho com os seus empregados; o director das obras públicas do distrito com os engenheiros e mais pessoas da sua repartição; o reitor e professores do liceu, e outros funcionários, vários titulares e deputados, alguns redactores de jornais, e muitas outras pessoas distintas da cidade e seus arredores.

Começou a cerimónia o governador civil de Braga, lendo um discurso apropriado ao assunto. Depois foi toda a assembleia visitar a exposição, percorrendo vagarosamente todas as barracas e lugares do jardim onde estavam expostos os produtos das indústrias agrícola e fabril, pois que, apesar de ser a festa propriamente da primeira, a segunda também concorreu a tomar parte nela. Em seguida foram à parte do campo contígua ao jardim, na qual se fazia exposição de gados. Regressando ao pavilhão, foi lida e logo assinada por todos, a acta de abertura da exposição bracarense.

O Campo de Santana apresentava então uma formosa perspectiva, e o mais festivo aspecto que se pôde imaginar. As catorze barracas em que estavam expostos os diversos produtos industriais, achavam-se distribuídas simetricamente por todo o jardim. Cerca de setecentas bandeiras, variadas no feitio e nas cores, e alguns escudos com as armas reais de Portugal e de Saboia, ornavam o jardim e a parte restante do campo.

Durante toda a cerimónia subiam de contínuo aos ares girândolas de foguetes, e duas bandas de música tocavam, em dois coretos bem armados, hinos compostos expressamente para esta festividade. A imensa multidão de povo que enchia o jardim e o campo, composta em grande parte dos camponeses das aldeias circunvizinhas, e de muitas distantes da cidade, brilhando pela elegância e cores alegres dos trajos das mulheres, e pela profusão de ouro em cordões e arrecadas com que elas se adornam em dias festivos; muitas casas embandeiradas em torno do campo, e todas as janelas guarnecidas de damas, trajando as suas melhores galas; a alegria expansiva que distingue em geral os habitantes do Minho, então vivamente excitada pelo interesse e regozijo que a todos causava esta função popular; tudo isto completava aquele quadro, tão belo de seu próprio brilho e formosura, quanto brilhante e formoso pelas esperanças que de si irradiava, prometedoras de prosperidade e riqueza para Portugal.

Considerada agora a exposição relativamente ao desenvolvimento industrial do país, pode-se dizer com afoiteza que excedeu a expectativa pública, tanto na concorrência dos expositores, como no aperfeiçoamento de muitos produtos.

Não foi só do distrito de Braga, mas também de toda a província do Minho, e de muitos outros pontos do reino, que vieram agricultores, criadores e artistas, trazer a este concurso industrial as produções do seu engenho e do seu trabalho.

A indústria agrícola exibiu uma numerosa e variadíssima colecção de cereais, legumes, frutas verdes e secas, vinhos, aguardentes, licores, genebras, conhaque, azeites, manteiga fresca e salgada, mel, óleos de rícino e de amêndoa, arbustos, linhos e outras plantas industriais e medicinais, lãs, seda em rama e casulos, madeiras, gomas e resinas, solos e adubos, águas minerais e produtos mineralógicos. Nesta grande diversidade de produtos apareceram notáveis melhoramentos, que dão irrecusável testemunho de que a agricultura do nosso país se acha entrada no caminho do progresso.

Os criadores de gados expuseram excelentes tipos de raças nacionais, e de outras cruzadas com raças estrangeiras; sobressaindo entre as diferentes espécies o gado vacum, cavalari e muar. Este ramo importante da indústria agrícola também demonstrava evidentes melhoramentos.

A indústria fabril figurou igualmente de um modo muito lisonjeiro para os que a exercem, e muito esperançoso para o país. Expôs, entre outros, os seguintes produtos: veludos, nobrezas, damascos de seda e oiro, cetim a matiz, tecidos de seda a oiro e matiz, tecidos de seda de diversas cores e qualidades, seda fiada, fitas de seda, colchas, tecidos e meias de linho, bordados e ornatos de linho, tecidos e colchas de algodão, guarda-chuvas e sombrinhas, chapéus, luvas de pelica, calçado, coiros, pentes de chipre, oiro em folhas, perfumarias, chocolates, doces secos e de calda, carne salgada, conservas, vernizes, sabão e sabonetes, papel sortido, cutelarias, porcelanas, selins, arreios e mais obra de correeiro, fogões, máquinas hidráulicas, utensílios de ferro, máquinas e instrumentos agrários, modelos de máquinas, obras agrícolas-industriais, móveis, esculturas em marfim e em madeira, quadros a óleo, à pena, e aguarelas, desenhos a dois lápis, fotografias, medalhas para os prémios da exposição, memórias, mapas agrícolas e geodésicos, e uma colecção de pesos e medidas do sistema métrico.

A cidade de Braga, que há muito se distingue pelos hábitos laboriosos e talento artístico dos seus habitantes, tomou uma parte conspícua nesta festa do trabalho, neste concurso da inteligência. Das nove medalhas de oiro, destinadas para premiar os nove expositores que apresentassem maior perfeição nos seus produtos, couberam seis à cidade primacial por distinção no exercício das duas indústrias, agrícola e fabril: e das noventa e seis medalhas de prata pertenceram-lhe vinte e três.

O júri conferiu trezentos prémios e distinções honrosas, dando o prémio de honra ao Sr. Januário Correia de Almeida, governador civil do distrito de Braga por ser sua a primeira ideia desta exposição, e pelos esforços que empregou para a realizar. Esse prémio foi um diploma assinado por todos os membros do júri, no qual se expressava, em nome do distrito de Braga, um testemunho de gratidão àquele ilustrado e benemérito magistrado, pela realização daquela ideia, e pelos bons serviços que tem prestado a todo o distrito no desempenho do seu cargo.

Encerrou-se a exposição no dia 8 de Novembro de 1863 com a mesma formalidade e assistência de autoridades e pessoas distintas, com que fôra inaugurada. Não foi este, porém, o seu último acto solene, pois que outro de maior solenidade e mais pomposo veio pôr o remate naquela festa triunfal das lides do homem.

Suas majestades el-rei, o Sr. D. Luiz I, e a rainha, a Sra. D. Maria Pia de Saboia, querendo dar uma prova do seu amor pelo país, e do quanto lhes merecem os que pelo trabalho concorrem directamente para a prosperidade e grandeza dele, dignaram-se ir ao lugar da exposição, e honrar os expositores, entregando el-rei por suas próprias mãos os prémios conferidos pelo júri.

Saíram de Lisboa suas majestades oito dias depois do encerramento da exposição. A sua viagem por Leiria e Coimbra até ao Porto, onde se demoraram alguns dias, e dali até Braga, foi uma contínua ovação dos povos por onde passavam, e dos que vinham de longe para saudar os seus simpáticos soberanos. O Porto festejou a visita real de um modo que bem condizia com a alteza do assunto, com a riqueza da cidade, e com o ânimo generoso dos seus moradores. A cidade de Braga, guardadas as proporções devidas, não ficou inferior ao Porto na manifestação do seu regozijo e reconhecimento pela honra que recebia. As festas com que celebrou a entrada dos reais viajantes, e o entusiástico alvoroço, com que o povo os acolheu e acompanhou durante a sua estada ali, ficarão memoráveis nos anais da cidade. Nenhum ancião, por mais anos de vida que contasse, se lembraria de ver na bela capital do Minho festas populares tão pomposas, e entusiasmo tão geral e espontâneo.

Entraram suas majestades em Braga no dia 26 de Novembro, e foram pousar no Palácio dos Biscainhos, que lhes estava preparado magnificamente pelo Sr. Conde de Bertandos, a quem pertence. No dia seguinte, pouco antes da uma hora da tarde, verificou-se a cerimónia da distribuição dos prémios num elegante e rico pavilhão, construído expressamente para esse fim no local da exposição, próximo das duas portas do lado ocidental do jardim.

Tinha este pavilhão a forma sextavada, dando-lhe ingresso uma larga escadaria.

Seis colunas de ordem compósita sustentavam a cúpula, que era guarnecida exteriormente de seda azul e branca, e interiormente cor-de-rosa e branca. Em volta da cúpula, sobre a cornija, faziam-lhe cercadura seis frontões, correspondentes a cada uma das quatro faces do pavilhão, tendo cada um no tímpano os escudos unidos com as armas reais de Portugal e de Itália. A cúpula, cuja elevação era de onze metros e meio, sobre dez de largura, rematava numa grande coroa e ceptro real, colocados sobre almofada de veludo carmesim. As duas cadeiras reais estavam sobre um estrado de três degraus. As cortinas que desciam da cornija, e se prendiam às colunas, eram de seda azul claro. As colunas, cornijas, e frontões, eram decorados com ornatos doirados relevados, em obra de pasta, sobre campo branco, ou azul, e além disto com seis dragões bronzeados, de cujo colo pendia o escudo real das quinas.

A cerimónia da distribuição dos prémios foi, como acima dissemos, muito mais aparatosa do que a da inauguração e encerramento da exposição, por quanto, a tudo que então concorreu para esplendor do acto, acresciam agora as pompas do cortejo real, os adornos dispostos para a iluminação do jardim e campo, as colchas de damasco e sedas multicores, pendendo de todas as janelas em torno do campo, as novas e melhores galas com que se ornavam as damas, um concurso de povo muito mais numeroso, e de mais variado e pitoresco trajar, e, finalmente, sobre tudo aqueles alvoroços de júbilo e de entusiasmo populares, que dão a qualquer espectáculo ou solenidade a sua feição mais festival.

Principiou a cerimónia por um discurso de agradecimentos do Sr. Governador Civil, dirigido a el-rei, ao qual sua majestade se dignou responder, significando o seu interesse pelos melhoramentos públicos, encarecendo as vantagens que devem resultar das exposições, e prometendo aplicar os seus cuidados e desvelos ao desenvolvimento do país.

Acabada a alocação real, o Sr. José Joaquim Vieira, secretário-geral do governo civil, e vice-presidente do júri, começou a fazer a chamada dos expositores premiados, os quais se dirigiam a el-rei, que ia entregando a cada um a medalha ou diploma, que o Sr. Governador Civil apresentava numa salva de prata a sua majestade.

Demoraram-se em Braga os augustos viajantes três dias, até ao 29 do mês de Novembro, em que partiram para o Porto. Durante esse período festejaram os bracarenses a visita dos seus soberanos com esplendidas funções. Não faremos aqui a descrição de todas essas festas, porque nos levariam mais longe do que queremos ir. Falaremos das mais notáveis, e especialmente das que dizem respeito às gravuras que publicámos.

O Campo de Santana ostentava uma vistosa iluminação em que se contavam mais de seis mil balões transparentes e de muita diversidade de cores. Correu toda a despesa e direcção por conta dos estudantes do liceu e seminário.

A câmara municipal levantou um arco junto ao *Campo das Hortas*, por onde suas majestades entraram em Braga, e aí se verificou a cerimónia da entrega das chaves da cidade a el-rei. Entre outras decorações, tinha no friso os escudos das armas reais de Portugal e de Itália, e sobre a cúpula do arco a coroa real.

O corpo do comércio erigiu um grandioso arco contíguo à *Porta do Souto*, ornado com colunas de ordem dórica, vasos, e variados relevos, painéis alegóricos, à indústria comercial, e a estátua de Mercúrio, simbolizando o comércio.

Os brasileiros, como chamam no Minho aos que vão ao Brasil adquirir fortuna, e regressam à pátria para a desfrutarem no seio de suas famílias, construíram um magnífico pavilhão à entrada do *Largo dos Biscainhos*, em frente do palácio do Sr. Conde de Bertandos, onde se alojaram suas majestades. Era o pavilhão de forma oitavada. Sustentavam a cúpula oito colunas de ordem dórica, ficando quatro vãos abertos ao trânsito, e os outros quatro

tapados com painéis transparentes, onde estavam pintadas no meio de troféus as armas de Portugal, de Itália, do Brasil, e da cidade de Braga. Uma grande coroa real servia de remate à cúpula, em torno da qual se erguiam sobre a cimalha oito escudos de armas, guarnecidos de bandeiras. Toda a cúpula e coroa eram iluminadas a gás, e as colunas com vidros de cores dispostos em grinaldas de rosas artificiais, que cingiam as colunas em espiral desde a base até aos capitéis. Os artistas fabricaram o seu arco ao pé da Igreja da Misericórdia. Era de ordem jónica, de esbeltas proporções, e decorado com bonitos relevos e pirâmides com as armas reais portuguesas e italianas, e com uma estátua alegórica.

Os arcos, como se vê nas cópias que deles apresentámos, eram precedidos de grandes pirâmides e colunas, que à noite se iluminavam.

Além destes levantaram-se em Braga mais dois arcos, um dos *estudantes*, e outro dos *bacharéis*; o primeiro de verdura no *Campo da Vinha*, em frente do seminário arquiépiscopal, e do Quartel de Infantaria 8; o segundo de arquitectura gótica, com pinturas e labores, parte deles vazados, e adornado com as estátuas alegóricas da *Glória* e das ciências e artes, metidas em nichos e cobertas por baldaquinos floreados. Este último elevava-se à entrada da *Rua da Fonte da Carcova*, do lado de leste.

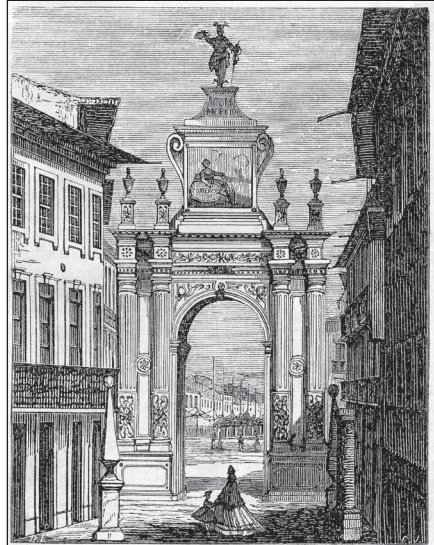
Na fachada do paço do arcebispo, que deita para o *Campo dos Toiros*, cuja parte do palácio é ocupada pelo governo civil e repartições públicas, havia uma bela iluminação. Era esta feita com alguns milhares de vidros de diversas cores, pendentes de festões de murta, que ornavam as janelas, as quais também eram decoradas com transparentes de bonitas pinturas, e com muita diversidade de bandeiras. O Regimento de Infantaria n.º 8 também fez outra não menos rica em toda a grandiosa frontaria do seu quartel, outrora colégio de religiosos de Santo Agostinho, com a invocação de *Nossa Senhora do Pópulo*.

Resta-nos dar uma breve explicação da nossa gravura principal. Mostra o Campo de Santana em quase todo o seu comprimento, de oeste para leste. No lado do sul distingue-se a *Igreja e Convento de Nossa Senhora da Assunção*, que pertenceram aos congregados de S. Filipe Nery, e onde se acha estabelecido presentemente o *liceu*. Na extremidade de leste do dito campo, formando o fundo do quadro, avulta ao longe a graciosa montanha, toda vestida de frondoso arvoredo, em que está edificado o célebre santuário do Bom Jesus. O lado de oeste do campo é ocupado com os restos do antigo castelo de Braga, e com algumas edificações modernas, que se foram aninhar sobre os seus bastiões, ou entre as suas muralhas derrocadas, onde se levanta a *Igreja de Nossa Senhora da Lapa*.

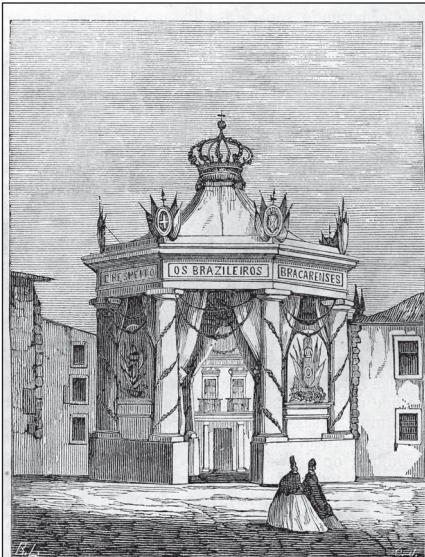
A página 49 encontrarão os nossos leitores uma notícia mais circunstanciada do Campo de Santana, e a gravura que representa o seu lado de oeste.



Arco da camara municipal



Arco do commercio



Pavilhão dos brasileiros



Arco dos artistas

Anexo 2

Festejos

As iluminações nas três noites estiveram brilhantes, encantadoras, surpreendentes.

O povo, como que esquecido de tudo o que não era ver festejar os reais visitantes, era tanto por toda a parte, que parecia que Portugal inteiro se despovoava para vir tomar parte nas nossas alegrias.

Do seio do povo que se aglomerava em toda a parte que o Rei passava, ouvia-se por um comum acordo, romper de quando em quando as solenes saudações, que significavam o seu entusiasmo e contentamento: – «É o Rei que passa, dizem uns. É o Rei que chega, dizem outros. É o neto de Pedro IV que vem visitar a cidade. É o monarca, é o *Rei popular*, que vem com a augusta filha do Rei Víctor Manuel, rematar a grande festa do trabalho, distribuindo por suas régias mãos os prémios aos expositores, dizem todos

Ora, para os nossos leitores poderem fazer uma pequena ideia do que foram as festas com que os bracarenses receberam SS. MM., damos em seguida um esboço dos diferentes festejos públicos.

Cruz de Pedra

Logo na entrada desta rua erguia-se um bonito arco coberto de paninho branco com alguns bordados de galão, feito a expensas dos marchantes. Tocava ali uma banda de música.

Campo das Hortas

Na entrada deste campo, avistava-se o arco de triunfo mandado levantar pela câmara.

Este arco é de madeira pintado de branco, e os relevos vestidos de mirto.

Sobre a cornija pousam dois obeliscos, e no centro uma pequena empena, com um quadro onde estava escrito o seguinte dístico: – «Nihil agricultura melius, nihil oberine, nihil dulcino, nihil homine libero digno».

Traduz-se – «Nada melhor para a agricultura, nada mais fértil, nada mais doce, nada mais digno para o homem livre».

No centro da cornija estão os escudos de Portugal e Itália.

A pouca distância dos pedestais do arco levantavam-se dois obeliscos cobertos de murta.

No centro do campo erguia-se um pavilhão coberto de fazenda branca e adornos dourados, destinado para a entrega das chaves da cidade a El-Rei.

O magnífico palacete do Sr. Cunha Reis, que ocupa todo o lado do poente do campo, estava iluminado por 1500 lumes.

Rua Nova

No extremo desta rua, como remate dos brilhantes festejos, levantava-se um majestoso arco com belas formas de arquitectura jónica.

Sobre este arco estava colocada uma figura colossal, que representava a deusa Minerva.

Do centro da cornija estacavam as armas de Portugal e Itália.

A rua em quase toda a sua grande extensão era guarnecida aos dois lados por uma espécie de pirâmides, sobre capitéis de quatro faces.

Estas pirâmides eram rematadas com galhardetes das cores italianas e portuguesas, e entremeadas de pilaretes, sobre os quais assentavam vasos com ramos de globos, que foram revestidos de luzes.

Das pirâmides pendiam, de umas a outras festões de murta, em forma de bandós, que se iluminaram por inumeráveis copos de cores.

Nos capitéis que sustentavam as pirâmides próximas do arco, liam-se as seguintes quadras:

A beleza e a bondade
Como irmãs que tanto se amam
Se o artista sabe uni-las
Doce gozo em nós derramam.

Vós, Senhor, amando o belo,
Sois do bem cofre sublime;
Dar-vos culto é dever nosso,
Recusá-lo fora um crime.

Toda a iluminação desta rua estava brilhante e disposta com gosto.

Largo da Sé

No pórtico da catedral avistava-se o arco do cabido, que era de singela arquitectura, embelezado com ornatos dourados e azuis: no centro da empena viam-se as insígnias capitulares, e no cume assentava uma estátua, simbolizando a religião.

Nas extremidades da cornija assentavam dois anjos, que sustentavam um o ceptro, e o outro a coroa real.

Aos lados do arco estavam dois obeliscos, tendo nos pedestais as iniciais – L. I. – M. P.

Este arco foi riscado e dirigido pelo jovem artista José António da Silva.

A fachada da catedral via-se toda coberta de centenaes de grizetas e globos de cores.

A varanda do 1.º e 2.º andar estava guarnecida por uma fileira de tochas embelezadas de papéis bordados a cores, e as duas janelas cobertas de transparentes também iluminados.

Toda a iluminação era aparatosa e apresentava uma vista surpreendente.

Terreiro do Paço

À entrada principal do paço arquiépiscopal levantava-se um arco de madeira todo recortado em brilhantes formas, e pintado de azul, que era iluminado por alguns centos de copos de diversas cores, que se suspendiam em arames.

O chafariz que está em frente do pórtico arquiépiscopal era ricamente adornado de festões de murta, e iluminado por um sem número de globos e copos de cores.

Era vistosa esta iluminação, e das mais bem dispostas: e pena foi não ser iluminada a gás.

O DISTRICTO DE BRAGA, Braga, 1 Dez. 1863, p.2

Festejos (cont.)

Rua do Souto

Era esta a rua que não tinha rival. Apresentou-se com uma beleza e com um aspecto tão deslumbrante que parecia, como dizia o povo, um céu aberto.

Logo na entrada levantava-se um singelo arqueado de murta sobre duas colunas vestidas de branco, do qual pendiam, suspensos em arames, vários copos de cores, iluminados.

Adornavam os dois passeios da rua em toda a sua extensão, renques de colunas vestidas também de branco, e com enfeites de fita verde, alternadas por obeliscos sobrepostos em topos de quatro faces com adornos de fita verde.

No cimo de cada coluna assentava um globo florido; e na parte superior delas estavam escudos de cor azul uns, e de verde outros, com as iniciais: – V. D. L. I. em letras prateadas – e V. D. M. P. em letras douradas.

Sobre cada um dos escudos cruzados duas flamas de cores portuguesas e italianas, símbolo da união estreita que hoje existe entre a casa de Bragança e Saboia.

Do alto dos obeliscos caíam festões de murta, de uma a outra coluna, que eram iluminadas por dezenas de copos de cores.

Atravessavam a rua, de um a outro lado, fileiras de copos de cor verde umas, e outras de cor vermelha, que pendiam de festões de murta, suspensos em arames, assim como vários lampadários de balões de cores.

Ao fundo da rua erguia-se à altura de vinte e tantos metros o majestoso arco comercial de rigorosa arquitectura, e formas as mais belas, suspenso sobre quatro elegantes colunas.

Sobre a cornija, assentava um grande quadro com a figura de uma mulher que representava o comércio, com a mão direita sobre um escudo, no qual se lia – *Commercio*, iluminado e transparente.

Aos lados deste quadro viam-se quatro pirâmides vestidas de branco com adornos verdes.

No cimo do quadro pousava sobre um plinto, a estátua de Mercúrio.

No verso deste magnífico arco lia-se a seguinte quadra:

Premiar os que trabalham,
Vem o Rei por sua mão,
Feito assim – exemplo novo!
Honra a pátria, honra a nação.

Todo este arco era coberto de branco, e florido com recortes verdes em delicado gosto.

Era de um efeito surpreendente a iluminação desta rua.

Campo de Sant'Ana

Este vasto campo ostentava um aspecto de verdadeiro paraíso terreal.

Milhares de globos iluminados a cores se viam resplandecer naquele vasto jardim. Cento e tantas bandeiras de todas as nações flutuavam no cimo de outros tantos mastros, dos quais pendiam, de uns a outros, entrelaçados festões de murta, que suspendiam cerca de quatro mil globos de todas as cores iluminadas.

Todos os plintos de pedra em que chumba o gradeamento que fecha o jardim do lado oriental, estavam cobertos com transparentes de cores caprichosamente desenhados, que foram também iluminados com profusão.

No centro do jardim via-se uma graciosa pirâmide movente de desmesurada altura sobre um pedestal ricamente adornado, em forma de tulipa.

Tinha nos quatro lados as datas de inauguração e encerração da Exposição Agrícola, da chegada de SS. MM. E da distribuição dos prémios aos expositores.

Esta pirâmide estava iluminada por dezenas de balões de cor azul e guarnecida por uma faixa azul e branca.

Aos dois lados dela, em pequena distância, formaram-se os coretos para as músicas, pintados de azul e branco, e a imitar as construções chinesas. Estavam também iluminados por copos de várias cores e de esquisito gosto.

Era riquíssimo o efeito deste paraíso terreal.

Fonte de Carcova

Do lado oriental desta rua, e junto da igreja dos Terceiros, via-se o lindíssimo arco dos bacharéis, coberto de fazenda branca, e de arquitectura gótica com recortados e labores vazados, e bordado a fita cor de rosa, que era admirado por oferecer novidade. Tinha no centro as armas reais portuguesas e italianas com todos os emblemas da ciência.

Em dois nichos que estavam ao lado, viam-se duas figuras vestidas de branco, representando uma a Glória e outra a deusa Minerva.

A cada lado da rua estava uma fileira de postes cobertos de murta, que prendiam festões também de murta iluminados por milhares de balões e copos de cores.

Campo da Vinha

No meio deste campo para o lado do seminário de S. Pedro elevava-se o modesto arco escolástico todo coberto de murta e louros.

No centro viam-se as armas de Portugal e Saboia; e sobre a cornija tremulavam alguns galhardetes entremetidos em camélias de cores.

Largo dos Biscainhos

Estava neste largo o sumptuoso baldaquino dos brasileiros. Era formado de oito grossas colunas, que sustentavam uma cúpula rematada por uma coroa real de grandes dimensões, iluminada por luzes de gás.

Nos intercolúnios viam-se estampados em grandes transparentes as armas de Portugal, Itália, Brasil e Braga.

As colunas eram embelezadas por festões de flores artificiais, e iluminadas por copos de variadas cores subindo em espiral.

Por debaixo da cornija em volta da cúpula lia-se a seguinte inscrição. Os brasileiros bracaraenses tributam sempre a El-Rei D. Luís I e a S. M. D. Maria Pia amor e respeito.

Era deslumbrante a iluminação deste baldaquino.

Mas não eram só essas ruas e jardim que ostentavam uma vista brilhante, riquíssima e esplendida, com as suas colunas, as suas pirâmides, os seus obeliscos, os seus troféus, os seus arcos, e os seus transparentes.

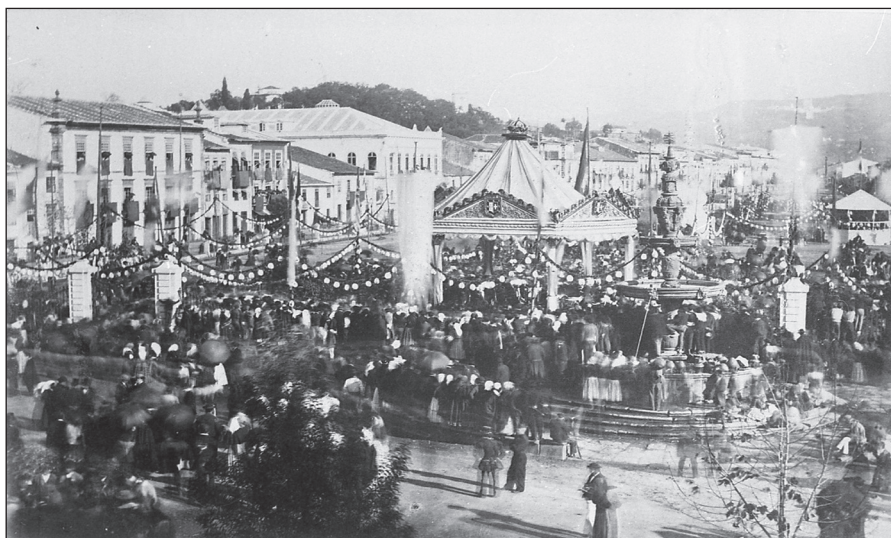
Também a fachada do teatro, com a sua iluminação a gás e balões de cores – também o vasto quartel do regimento de infantaria 8, com a sua maravilhosa iluminação, onde se viam os vidros da grande fileira de janelas do primeiro andar coloridos por diversas e bem combinadas cores; os óculos do 2.º andar com belos transparentes iluminados, e as grades do andar térreo, com estrelas de madeira pintadas de branco e cobertas de luzes; as colunas que sustentavam a varanda decoradas com festões de murta, iluminadas em espiral; e a porta colocada no centro do edifício coberta por um majestoso transparente com as iniciais I. I. pintadas e vários ornatos, também iluminado – também o paço do governo civil, com suas janelas cobertas de transparentes iluminados, e decoradas com bandeiras e festões de murta, dos quais se suspendiam milhares de copos de cores, e com os seus obeliscos e troféus iluminados – também o magnífico palacete da câmara, com as suas varandas cobertas de damascos, e iluminadas por brandões de cera, concorriam para tornar mais grandiosa e viçosa esta festa.

Esses arcos festivos, essas pirâmides e colunas revestidas de luzes e com as iniciais dos augustos visitantes, esses obeliscos em que passavam os escudos de Portugal e Saboia, essas ondas de povo que se agitava nas ruas até alta noite; o que significam *senão que o Rei é querido do povo e o povo querido do Rei?*

As provas de gratidão e estima dos bracaraenses aos reais hóspedes foram solenes.

Se El-Rei D. Luis I seguir, como é de esperar o exemplo do seu augusto irmão o Sr. D. Pedro V, há-de gozar as mesmas afeições populares.

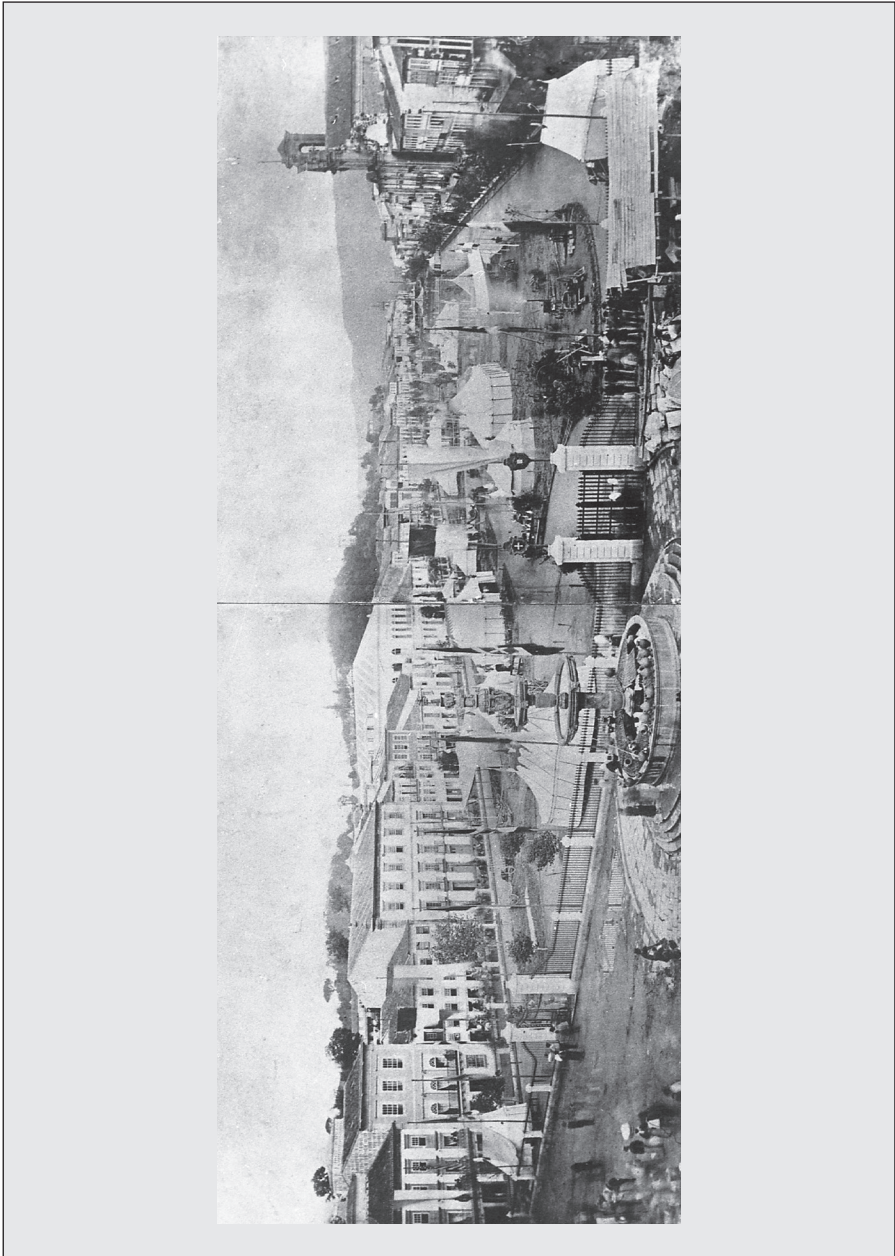
O Districto de Braga, Braga, 3 Dez. 1863, p. 1.



Vista do Campo de Santa Ana e da distribuição dos prémios da Exposição Agrícola por S. M. El Rei D. Luís I (fotografia de Antero Seabra, publicada por E. P. Oliveira, 1988, p. 41).



Vista do Campo de Santa Ana, por ocasião da Exposição Agrícola de Braga (fotografia de Antero Seabra, publicada por E. P. Oliveira, 1988, p. 39).



Exposição Agrícola de Braga no Campo de Santa Ana (fotografia de Antero Seabra, fonte desconhecida).